
SUBJETIVAÇÕES: Entre os passos, o percurso e as linhas^(*)

Alexandra Domingues^(**)
Róger Albernaz de Araujo^(***)

SUBJETIVAÇÕES

Meia noite, livro aberto. Mariposas e mosquitos pousam no texto incerto. Seria o branco da folha, luz que parece objeto? Quem sabe o cheiro do preto, que cai ali como um resto? Ou seria que os insetos descobriram parentesco com as letras do alfabeto?
(Leminski, 1987)

Por quanto tempo ficaremos aqui? Eu e elas, sim, eu e elas. Algumas delas são tão calmas, tão serenas, que me querem ver voar. Nestas horas elas me sorriem, e meu mundo se povoa de azul, azul bebê, azul clarinho, amáveis, frágeis, singelas e, outras vezes, tão desesperadas, intransigentes, agressivas; elas gritam, uivam forte, são intensas, tão intensas.

E agora me pergunto, será que existe espaço? Este lugar parece tão confuso, o ambiente é iluminado e também sombrio, as horas são ininterruptas, não há mais como parar, um círculo se abre dentro de um anel imenso, a vista às vezes é inebriada, e constantemente preciso fugir. As linhas das formas se cruzam, se entrelaçam; cruzamento transversal, brilho, voz, vontade e tem, também, esse vento que traz ar de tranquilidade, e esse verbo que se forma frase, e essa virtualidade, que se fazendo alegoria torna-se aos poucos pulsação entre os encontros.

Elas vão e voltam, habitam vários espaços, cidades imaginárias, e em muitas vezes são capazes de ficar tão quietas que parecem morrer. Nestas horas, nestes minutos, neste tempo infinito, elas me aprisionam e parece que gostam disso. Elas se deslumbram, têm tanta força. No fundo elas sabem que eu as desejo.

Por vezes elas somem, ficam vários dias no deserto. Elas argumentam que precisam escavar buracos, correr atrás nos labirintos. Elas não têm regras, são livres, são soltas, apenas percorrem

^(*) Trabalho apresentado ao curso de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal Sul-riograndense como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação, sob orientação do Professor Dr. Roger Albernaz de Araújo.

^(**) Aluna do curso de Especialização em Educação do IFSUL, Licenciada em Ciências Sociais, aluna regular do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSUL.

^(***) Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2002), licenciado no Programa Especial de Formação Pedagógica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (2001) e é Tecnólogo em Processamento de Dados pela Universidade Católica de Pelotas (1989). Atualmente é Coordenador do Curso de Licenciatura em Computação e professor regular do Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado em Educação e Tecnologia do IFSul/Campus Pelotas. E-mail: roger.albernaz@gmail.com.

linhas, fugazmente fogem. Ritmo forte, potente, balanço sempre alterado. Uma inconsequência as torna bonitas; lindas mesmo parece-me que carregam um vermelho, vermelho sangue assim, deste jeito, meio *Moulin Rouge*¹.

Elas também brincam, divertem-se ao ar livre, raios de sol, nuvens e chuva. Para elas sensação, vibração e força. Elas me percorrem:

– Sou cada pedaço infernal de mim – a vida em mim é tão insistente que se me partirem, como uma lagartixa, os pedaços continuarão estremeando e se mexendo. Sou o silêncio gravado numa parede, e a borboleta mais antiga esvoaça e me defronta: a mesma de sempre. De nascer até morrer é o que eu me chamo de humana, e nunca propriamente morrerei (LISPECTOR, 1991, p.69).

É possível passar uma vida inteira sem lhes encontrar. Elas se escondem, e conseguem fazer ritmo de seu esconderijo. Estão certas de que são importantes e talvez saibam até, que sem elas, não existe vida. Pelo menos essa vida, vida trágica, esgotada, desbotada.

Eu gostaria de vê-las fora daqui às vezes; vê-las dançar e correr longe, lá de longe nesse seu balé imensurável; arquitetado por luzes e sonoridade; potência pura e quase divina. Gostaria de apreciá-las no vento, nesses sopros clandestinos dos quais elas participam. O que elas expõem, brinco de esconder.

Ontem à noite, não sei ao certo quando eu as encontrei, elas brincavam entre as coisas. Permaneciam ali entre o sonho e o delírio. Para elas não existe hora. O tempo torna-se vivo, nessa armação cadenciada elas esquecem-se da forma.

Ontem à noite, elas começaram a gritar. Precisavam de expressão. Queriam se mostrar. Talvez, quisessem se encontrar! Seus gritos eram expressivos, lúcidos, vazios e em um passo atônito, subiam e desciam.

Agora esta tarde. Passou da hora. Não sei até onde vou. Com elas. Esse tom desuniforme me desgasta, percorre e afasta. A cadência pela qual elas se movem forma-se jazzisticamente em um improviso só. Improficiência, desgaste, desgosto.

Este jogo me encanta tanto; parece luxo um viver assim; parece maldito; parece perverso; e permanece, possivelmente, tão perverso quanto absurdo.

Onde as encontro quando quiser? Não encontro partida ou chegada. Esse enredo torna-se forte, enluarado; denso, carregado. Não é preciso jogar algo fora. Elas não gostam disso. Elas

¹ *Moulin Rouge* – em francês Moinho Vermelho, símbolo da boemia Parisiense, retratado no cinema através de personagens interessantes e emblemáticos pelo diretor Baz Luhrmann.

pregam o desejo de fazer osmose com o impossível, de carregar e se deixar livre, sem ter onde parar. Queria apenas ter domínio sobre elas. Sobretudo sobre sua personalidade, potente, fugaz.

RECOMEÇO...

Preciso amanhecer. Ir a algum lugar. Parece que amanhece e anoitece. Anoitecer neste momento torna-se um estado de graça. Tem por perto companhia. Tem essa chuva, translúcida e palpável... Agora decido: – Eu, as quero perto.

Já passaram horas e nada delas voltarem, e agora me pergunto: posso sustentar essa fragilidade?

Vou te dizer: é que eu já estava com medo de uma certa alegria cega e já feroz que começava a me tomar. E a me perder (LISPECTOR, 1991, p.106).

Esse jogo produz-se em sortilégio, algo de se jogar. As coisas parecem multiplicar-se; tem tanto espaço. Elas se reencontram, reencontram-me. Multiplicam, suscitam um regresso ao espaço.

SUBJETIVAÇÕES, IDEIAS E CONEXÕES

Desde agora é preciso transformá-las em soma:

[...] quando os dados são lançados afirmam uma vez o acaso, os dados que caem afirmam necessariamente o número ou o destino que traz de volta o lance de dados (DELEUZE, 1973, p.15).

Talvez, elas gostem do que as coisas também gostam. De ser elas e de ser coisas e a qualquer hora, poder deixar de ser. Ou a qualquer hora voltar a ser. Coisas. Elas. Elas. Coisas. Coisas. Elas.

Ouso dizer, que elas são devires entre as coisas. Elas não se deixam ter paz. O espaço pequeno onde elas se acomodam, produz-se em infinito. Elas querem se aproximar. Desvio o passo para não as desencontrar. Deseja-se mais do agora. Delira-se mais com essa conexão, instante, saborosamente irreal.

SUBJETIVAÇÕES, ESPERA E CONTENTO

Acordo, descaminho pisado, entre quatro paredes, o teto clarificado e sedutor, uma luz forte que ofusca conceitos. Preceitos. Uma referência grita que eu olhe. Ali estão eles, Deleuze e Guatarri em páginas, Arnaldo e Chico no ouvido, Clarice anda livre pela casa. Audaciosamente iniciam-se afectos, agenciam-se mundos anacrônicos, deles, das coisas. Entre estes, mundos alguns

cruzamentos indescritíveis se assumem em um espaço virtual, tornando-se homologamente indistintos em suas estruturas, seus desejos, cores e multiplicidade de sabores.

A partir da magia desse encontro, dou boas vindas ao acaso. O acaso bem vindo desde sempre, trás consigo a vibração dos cruzamentos. Cruzamentos eternos entre mundos. E, aqui, um encontro; vibrações impossíveis envolta do acaso.

O destino no eterno retorno é também a boa vinda do acaso (DELEUZE, 1973, p. 16).

Agora o acaso se faz par, ilusão perfeita, dança, passo, conjunto; surpresa do instante.

Antes, éramos, eu e elas, agora já somos eu, elas, as coisas e o acaso. A chegada das coisas foi surpreendente, as coisas nos dizem tantas coisas quanto elas:

[...] as coisas têm peso, massa, volume, tamanho, tempo, forma, cor, posição, textura, duração, densidade, cheiro, valor, consistência, profundidade, contorno, temperatura, função, aparência, preço, destino, idade, sentido. As coisas não têm paz (ANTUNES, 2002, p. 91).

Desde agora surgiu a aparência. Não se pode deixar de falar desse adjetivo que as coisas possuem, e roubam dos adjetivos.

As coisas roubam para si a aparência. E, a aparência das coisas se revela em seus espaços. Se as coisas estão aqui são assim, se as coisas estão lá são diferentes. As coisas se parecem com elas. As coisas não gostam de paz.

Elas têm medo das coisas, temem que as coisas tenham mais força do que elas; estão sempre aqui; às vezes somem, e permanecem no mesmo lugar. Já as coisas, elas não tem permanência, estão em todos os lugares, as coisas gostam muito de ser mais livres do que elas. Não que elas não sejam livres. Elas são. Mas agora as coisas estão entre os mundos, mais livres aqui desse lugar.

Às vezes elas imaginam que as coisas nunca estiveram aqui; que, sei lá porque, elas chegaram depois, elas querem ver as coisas toda a hora; preenchem-se delas.

As coisas assim como elas ocupam-se do dia, ou quem sabe, as coisas, assim como elas, são acordadas com o dia, e elas ainda não se deram por conta de que as coisas assim, como elas gostam de viver à noite. O dia as ocupa, e à noite as deriva.

À noite, as coisas, assim como elas, assumem estados diferentes, gritam, uivam, correm, mudam de cor. Também jogam seus dados.

Do que elas não gostam é dessa mobilidade das coisas; as coisas vão e vem. As coisas estão e não estão. Mas como nós já sabemos as coisas percebem-se como se elas, as coisas gostassem de fazer-se delas e de fazer-se em coisas, para qualquer hora se desfazer e vir a se tornar coisas e elas.

Durante o dia, as coisas parecem outras, tornam-se inanimadas, destemperam-se. Será que as coisas como elas, têm medo da luz?

Elas e as coisas transbordam-se durante toda a noite, assumem uma estética, meio assim, teatral, diferentes personalidades, nuances indiscretas, recebendo visitas absurdas.

Se o acaso soubesse das noites e como elas se fazem, ele jamais gostaria de estar ausente. O acaso não gosta de estar ausente. De tempos em tempos ele se descuida e as deixa confusas. Por vezes vai embora.

Esta noite foi como uma recordação; recordação de tempos indizíveis; as coisas estavam encantadas com o acaso e elas não perceberam.

Esta noite houve uma enxurrada. Não quero querer a presença delas tanto assim, se eu quero, as preciso, se preciso, não descanso.

Talvez tenha se tornado complexo, não se faz mais possível viver neste espaço sem elas, as coisas e o acaso.

INTENSIDADE

*“É quando a vida vase.
É quando como quase.
Ou não, quem sabe.”
(Leminski, 1987)*

O CONTRÁRIO, O DESCONEXO E AS SUBJETIVAÇÕES

A minha volta coisas, livros, sentimentos, frases, músicas, prosa, versos, movimento, forma. As coisas, elas e o acaso, causam medo, estranheza e ansiedade. Tantas estão aqui, tantas querem ser elas aqui e dentro desse agora...

Que conceitos elas trazem, o que elas me trazem; um desacordo estreito entre o sim e o não? Um desenlace afoito entre as mãos?

Onde elas permanecem? Outra hora, outro dia, poderei contar-te da magia desse encontro, mas por agora eu lhe respondo apenas o que simplesmente é possível responder: pois elas permanecem, estão aqui, junto do agora, junto do acaso habitando um mundo impossível. Este conceito as mantém aqui, o que formaliza o conceito? O conceito contem-se completamente. Disto

elas entendem, destas coisas. Essas coisas! Destas coisas de deixar de ser, de querer ser, de conter-se e conter outros dentro em si.

EXPLOSÃO E FALA

“Outrem é um mundo possível, tal como existe num rosto que o exprime, e se efetua numa linguagem que lhe dá realidade. Nesse sentido, é um conceito com três componentes inseparáveis: mundo possível, rosto existente, linguagem real ou fala”
(Deleuze; Guatarri, 1992, p. 29).

As possibilidades conceituais do aqui não precisam tornar-se lá fora, na realidade fervorosa e impregnada de morte onde ficaram as definições.

Mas, por outro lado, um conceito possui um devir que concerne, desta vez, a sua relação com conceitos situados no mesmo plano: Aqui os conceitos se acomodam uns aos outros, superpõem-se uns aos outros, coordenam seus contornos, compõem seus respectivos problemas; pertencem a mesma filosofia, mesmo se tem histórias diferentes (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p. 30).

De uma vez por todas, de uma hora por todas as horas do agora, elas sentem-se felizes, desde hoje elas tornam-se rótulo. Perceba! Apesar de tornarem-se rotuladas, elas permanecem longe do definível. Quem sabe até possam de algum lugar possuir identidade e entrelacem-se em nomes.

Incompossivelmente, identidades estão sobrepostas, elas não se tornam apenas uma. Sempre precisamos considerar que aqui estão, o acaso, as coisas e elas. Sou intercessora desta furtiva conexão. Será que preciso me explicar? – Explico-me, pois chamo este encontro de furtivo. Isto ocorre, pois apenas nós sabemos dele. Somente nós, não podemos deixar de perceber que os outros rumores ficaram lá, junto com as definições e com os mundos concretos.

Em outro lugar, em outro espaço eu mesma poderia dizer. Elas estão longe, não estão aqui. Deixaram de nos pertencer. Neste instante, somente agora, preciso afirmar, elas são, estão nossas, estamos todos nós no aqui.

RETORNO, SUBJETIVO E REVOLTO

Preciso me desculpar...

Por algum tempo eu permaneci distante, deixei que apenas elas cadenciassem o destino, e para onde ele ia, mas agora estou aqui, estamos todos, eu, elas, as coisas, o acaso, os conceitos, as ideias e o espelho.

Elas me pedem para que eu não esqueça das coisas, precisamos restabelecer os laços, precisamos dizer que as coisas estão dentro delas todo o tempo, o acaso as acompanha e o impossível é revés da força.

EXPLOÇÃO, VIBRAÇÃO, PROFUNDIDADE, CONCEITOS E SUBJETIVAÇÕES

“Compossibilidade: Esfera lógica mais restrita que aquela da possibilidade lógica. Para que algo exista não é suficiente que seja possível; é necessário que aquela coisa seja compossível com outras que constituem o mundo real.”

Porém os mundos possíveis daqui não precisam de realidade para existir. Eles são possíveis desde sua criação, e permanecem em perfeita realidade criativa. E elas que são dúvida de nascer até morrer, quem pensam que são? Elas são impossibilidades entre os mundos, as compossibilidades tornam-se companhias possíveis das outras, não delas. O possível da compossibilidade acompanha a ideia predominante nas instâncias do normal, do central, do disciplinado. O possível acompanhante do impossível vive apenas este instante, goza de pleno deleite na absurda brincadeira com o real.

Quero agora, só um pouco, resgatar o concreto, ou melhor, não o concreto mas o subjetivo, àquele concreto que um dia pretendeu nos acompanhar antes que pensássemos em começar esta escrita. Elas insistiram agora em borbulhar em meu ouvido algumas perguntas, uma sonoridade aguda, começaram a falar todas ao mesmo tempo. Parem! Preciso de um tempo para me recompor. Por vezes elas imaginam ser fácil dar conta do início, do princípio de tudo, de quando começamos a nos pertencer. Pelo lado de fora dos tijolos eu presenciava muito bem toda a visão, eu via sim, por ali eu via um enorme espelho, este espelho tinha dois lados, era possível observar e experimentar estes dois lados do espelho. Um dos lados do espelho era rígido, parado, apenas um quadro, este lado do quadro continha um pouco daquela instância que nos segrega do mundo subjetivo. Agora, por um momento, quero resgatar um pouco daquele medo taciturno que acompanha o quadro negro.

O quadro negro impõe limites a elas que junto a mim se aventuram no universo professoral, no início, bem no início falávamos de escola, pensávamos ainda antes de escrever, que pudesse ser possível existir um espelho por trás do quadro negro, e vejam bem. Ele existe! No lado do quadro negro que dava para as classes estavam os limites do ensino interdisciplinar arquitetado por planos de ensino e de aula, planos totalmente “dessubjetivos”, estes planos continham estes “nortes” comumente vivenciados nas escolas, esses que possuem uma intensa relação com a compossibilidade, ou melhor com a companhia do possível, do real, do mais normal, do menos controverso. Ali no lado que dava para as classes criou-se um espaço, digamos assim, compossível sabem? A mulher taciturna que falava de coisas que se interligavam preservavam um cinzento,

como se as outras que estavam ali, jamais pudessem estar entre elas, inscreveu-se um limite, uma linha tênue que foi se tornando feroz à medida que se apropriava dos devaneios que as outras começaram a aprisionar, pensamos conosco mesmas neste momento que existia mesmo muita violência em apropriar-se de devaneios, é como se estas relações possíveis criassem uma distância entre elas e o mundo impossível das outras, do acaso, das coisas, dos conceitos e do espelho.

O mundo do espelho, o nosso mundo, estava das classes para cá, a madeira impressa com giz branco possuía sempre dois lados, um esverdeado e negro, e outro iluminado, vitrificado e colorido onde amarram-se todas essas histórias que por aqui se passam.

Nós que as acompanhamos até aqui, não podemos deixar de lado a cor cinzenta que estas outras, as possíveis, nos impõem, elas criam aversões, medo, falta de felicidade. Elas, aquelas outras, as que acompanham a disciplina, são carregadas de impotência, dubiamente elas se desfazem de toda a arte que as outras sempre carregaram, nós avistávamos tudo isso.

Mas aconteceu alguma coisa. Elas, as outras, estão junto de nós agora, nos pediram licença talvez pretendam bifurcar nossa intensidade, talvez tenham sentido sede de vida. Precisamos urgentemente voltar a nos encontrar à noite. Nunca deixo de lembrar que à noite existe um tempo diferente, um descompasso marginal, à noite as relações impossíveis parecem assumir todo esse encanto, que só as sensações de pranto tem .

E, mesmo que as condições não estejam suficientemente determinadas, haverá tantos mundos diferentes dos outros quanto possa se desejar, que responderão diferentemente a mesma questão, de tantas maneiras quanto possíveis (LEIBNIZ, 1956, p. 375).

SUBJETIVAÇÕES, IMCOMPOSSIBILIDADE, COMPOSSIBILIDADE

Antes deste momento estava parecendo tudo tão simples, a cadência que elas possuem tem muito disso. Esqueci-me de dizer para vocês que elas são boas dançarinas, tão boas que nos fazem esquecer de tudo, até mesmo das coisas, e desde que chegaram, elas queriam dizer alguma coisa, queriam dançar e dizer alguma coisa, mas elas estão sempre tão afoitas que desfazem o ritmo ao se pronunciar. E acabam silenciando. E acabam se calando. E acabam esquecendo. E por fim vão indo embora.

Mas o que acontece não é todo o possível, e se não é todo o possível que acontece, então, o que acontece não é necessário, ou seja, o que acontece poderia acontecer, de outro modo, em outro mundo (CARVALHO; JAIRO DIAS, 2010, p. 63).

Sendo o vidro do espelho que está do lado de cá, um tanto quanto translúcido, quase sempre, como dissemos antes, nos atrevemos a espiar o que acontece do lado das classes para lá, elas tem nos encontrado às vezes, mas mesmo assim parece que os de lá falam de uma mistura de vozes, mas uma mistura que parece carregar algo de um abstrato inalcançável nas possibilidades compossíveis, o mesmo papo de sempre sabem? O medo ou à distância fazem temer uma incoerência tão frágil que chega ao ponto de parecer singela. Nós observamos daqui bastante medo, uma insatisfação medíocre; dessa mediocridade que eu lhes falo desde o início, deste ponto entre o compossível, o impossível e o variante. Carregar essa postura só pode ser dolorido; tanto quanto carregar o desmundo nas costas. Carregar o que não compõe, o que não ressalta, o que não desconforta. Muito peso, muito peso, e como parece pesar esse controle. Elas, as outras parecem temer o homogêneo, deve ser desgastante não multiplicar encontros. Desde sempre ouvi falar disso, dessa vontade intolerante de ser um só.

DESCAMINHO, LOGO PISO

Desde sempre ali estavam elas, permaneciam inertes, temiam ser descobertas. Parece ser esse o medo de todas elas, das que carregam essa dor, pensar de um mesmo jeito o tempo inteiro, querer a mesma coisa em todos os ciclos. Neste momento comecei a perceber que a medida que as estações se modificavam, somente elas permaneciam ali, imutáveis, translúcidas, sem cor, opacas e descrentes.

Até onde isto pode se chamar vida? Outras, as que vivem à noite consideram a vida um conceito², algo que se realça a todo o instante, vida como arte, como passo intranquilo, vida como vida.

Parece que o compossível agora trouxe amargura, desarmo-me de minhas forças, preciso de mãos e passos para recebê-las, andar, andar, andar, correr, correr, correr, em um estado de não permanecer. Conter; conter; conter; sentir; sentir; sentir.

Para ouvi-las preciso me conectar com dores. A vastidão toda que as outras expressam elas omitem, tantos entre elas, tantos vem e vão elas não possuem anseios, estão entre jogos arbitrários, entre obscuridades românticas, distância que permanece entre os ventos abalados pela gélida chuva que as acompanha. Se para as outras tudo aquece, para elas algo esfria. Desentendo; será possível não sentir um ventre? Eu agora lhes pergunto? Será possível não sentir um ventre, um ventre que

² Conceito em Deleuze torna-se criação. (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992).

está agora a gestar um tempo, ao mesmo compasso do impossível, um tempo exagerado, colorido, intenso?

Elas voltaram aqui, o espelho lhes consentiu, desde sempre o acaso está a contento, a gestar um tempo, entre gestos de acordo, entre as manhãs de orvalho e as noites de lua cheia, agora as coisas ordenaram! Brinco de Deus: - Que se geste o tempo impossível; Tempo que em tempo, privilegia a vida.

As perspectivas que já eram alteradas se alargam nos pés de Alice³, entre os pés um elo de formas se circunda; elas ousam perguntar sobre as possibilidades de viver de um outro jeito, ainda que elas desejem a todo o instante saber o que vem depois, depois de tudo, depois da gestação virá um novo ventre, uma nova vida.

Faz-se preciso que se saiba, que os conceitos deste mundo estão cheios de pretensões, cheios de recomeços. A lógica obstante se questiona imponderadamente.

O romance e a delícia estão a solta, os gritos soltos e imcompostos também; brilha através do espelho essa paz desajeitada e sem medo, controverso sopro de vida, de lágrima incontida, de valsa em cantiga de roda, onde tem também o riso frouxo a dor pecaminosa da liberdade, a influência do descontexto e o desferimento do incontável.

Preciso que te imagines, que não te percas deste ritmo, preciso que te contagies entre aqui junto, com a gente, com todos nós, torna-se tão absurdo permanecermos ainda aqui, sem medo do futuro. Somos uma sede de vontade, somos um baile por entre os ventres.

Tempo impossível, tu gestou felicidade e agora, eu e as coisas, eu e o acaso, eu e o espelho e eu e elas, e tantos outros já nos divertimos mais que antes. Entramos no teu tempo e triunfamos nestes braços que se abrem em devaneios revestidos de alteridade⁴, experimento de força e grandiosidade, linhas; linhas; linhas; fuga; fuga; fuga; grito; grito; grito.

³ Refiro-me à obra de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, obra literária fictícia que narra a fantástica aventura de Alice ao viajar para o país das maravilhas. A história começa quando Alice dá de olhos em um esperto coelho branco com um relógio de bolso. Alice com toda a sua curiosidade infantil, decide seguir o coelho, e a partir de então a história se desenrola (CARROLL, Lewis, 1832-1908. Pseud. Alice no país das maravilhas/Charles Lutwidge Dodgson – Porto Alegre: L&PM, 2009)

⁴ ALTERIDADE (*do lat.alter:outro*): 1. Caráter do que é *outro e se opõe ao mesmo: "Outro se diz dos seres que possuem pluraridade de espécie, de matéria ou de definição de sua substância: o Outro apresenta significações opostas às do Mesmo" (Aristóteles). 2. Do ponto de vista lógico, negação estrita da identidade e afirmação da diferença. (JAPIASSÚ, Hilton, 1934-Dicionário básico de filosofia/Hilton Japiassú, Danilo Marcondes . – 4.ed.atual.-Rio de Janeiro: Zahar, 2006).

ENTRE VERSOS E RECORTES

E eu que sempre estive, que sempre fui aberta, não aberta neste sentido, onde se fala desta abertura corrente, da abertura à questões; falo de ser aberta por cortes, por sangue, solidão e sede. Entendam: falo de alma, falo de estar coberta de sal. Eu que sempre estive aqui, por dentro disto, intensa e mesmo assim aberta. Rasgada em versos, tantos cortes, tantas amarras. Serão sãos estes pensamentos,? será em vão esta tortura?

Angustia-me esta inconstância. Angustia-me este sombrio, da cabeça até os pés. São somente cortes, e de um lado está meu sangue, e do outro lado está minha alma, e entre meu sangue e minha alma estão meus versos. Há que se sentir alguma rebeldia; há que se adentrar por entre os muros; há que se permitir dezasombriar.

Hei de chegar um dia, a tal lugar, a tal perfeição. Hei de chegar um dia a juntar os meus pedaços. Hei de juntar meus cortes para então saborear o que é ser junto; o que é ser sempre inteiro. Não sei como posso ser inteira! Sempre fui partes. E quando torna-se partes, ou quando alguma vez se foi partes, fica improvável perceber-se como inteiro, pelo menos esse inteiro que mostra-se em plenitude.

Sempre fui partes recortadas, e cada parte sempre estive em seu lugar. Algumas partes como elas, eram mais irreverentes, outras partes eram mais sutis, mas nem por isso alguma vez deixaram de ser intranquilas. Entre o espelho e os versos sempre se pronunciou o medo; medo deste ou daquele; medo disto ou daquilo.

Depois de um dia como o de hoje, ah, um dia assim intenso, eu jamais poderia deixar de sentir esta latente saudade, esta saudade às avessas. Aqui, também, faz-se possível avessar a saudade.

Falo que minha saudade se tem avessa. Pois recente ao que jamais existiu, ao que jamais poderia residir em mim ou neste lugar.

O espelho, fita-me enluarado, apesar do frio as estrelas junto a luz me observam, olham, refletem. Gosto desta delícia de mantê-las perto. Entre todas as coisas, estão elas dentro de mim. Vejo-me as fitando intranquila.

*“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul”
(Manoel de Barros, 2012).*

DE VOLTA AO TANTO

Muito depois de tudo, de todo o todo, do percurso de andanças impossíveis, voltei, voltamos, estamos aqui rumando em um compasso desuniforme, agora nos unimos às coisas para reiniciar voos fora das asas.

Interessante é voar fora de casa, estabelecer convívio com outros tantos, desde sempre fora assim, mesmo que no começo parecesse diferente, sempre fomos de esperar incontinentemente por coisas boas, sempre esperamos, sempre pedimos, apesar de nem sempre tudo poder estar conectado dentro e entre nós.

Por muitas vezes me parece perda de tempo este contato desventuroso, agora as lágrimas já fazem parte desses dias, todos esses cortes, todos esses pares em desencontro distanciam do que queremos perto. Lá atrás quando os dados foram lançados já poderíamos imaginar o que aconteceria, o que viria depois do tanto que causou.

Causa e efeito de um tempo irremedialmente denso e alargado, um tempo que nunca passa, talvez pela sua insistência em ser o mesmo, um tempo que por sua insistência vive se atualizando, atualizmo frenético, vontade de estar sempre a frente. A frente do que mesmo? Em frente de quem mesmo? Em frente de coisas em frente aos muros acinzentados e descoloridos desta cidade morta. Recomeçamos exatamente neste dia, neste dia frio, calmo, melancólico, e amarelo, tão amarelo a ponto de causar vertigem. Tão amarelo a ponto de mostrar rumores.

Estes dias amarelos, cheios de sol, cheios de luz e frio me lembram das terças-feiras, as terças-feiras sempre foram lindas, sempre foram carregadas de ternura, eram dias de folga, eram dias em que estávamos completamente em contato, pelo menos eu, elas, as coisas e o instante. Aquele mesmo instante saborosamente irreal, àquele que nos encontrou naquele sábado. Sempre lembro disso, principalmente desse instante que era irreal por tantas coisas. Muito mais por ser tão leve.

Naqueles dias, nós jamais poderíamos supor que passados todos aquele anos, as terças-feiras começariam a se vestir de bordô, bordô pesado, bordô estático, bordô sem gosto.

Gostamos de observar, falar e sentir o gosto que os dias tem. Cada dia da semana tem seu gosto, gostos fortes, gostos fracos, gostos doces, levemente amargos, gostos opacos, gostos marrons, todo o tipo de gosto pode ser encontrado nos dias. Surpreende-me que as compostíveis não se permitam saber disso, talvez elas não gostem de perceber as diferenças.

Uma vez há muito tempo, em tempos onde já não havia tanta luz, fomos convidados a partilhar pedaços de céu adocicado, o céu possui um gosto de pecado, um gosto diferente. E que gosto será que o pecado tem? Deve ser o mesmo gosto que poderia ter algo que alucina. O pecado tem gosto, do que aconteceu ontem, e não foi vivido, aquele gosto insandecido de viver mais.

E percebemos que o melhor de tudo era mesmo voar. Decidimos que para chegar perto novamente deste gosto, mudaríamos nosso rumo sempre que torna-se adverso seguir da mesma forma.

E voltando a falar do gosto dos dias: precisamos compartilhar nosso paladar! só quem possui paladar aguçado se torna capaz de sentir alguns gostos.

Quase sempre quando é segunda-feira, amanhece o dia, com uma delicada brisa cansada com gosto de tangerina. Já as terças resolveram se vestir de bordô, o bordô é uma cor de inverno exuberante e também pode ser uma cor tão fúnebre. Depois de longos anos, quase sempre as terças-feiras tem deixado pelo ar uma brisa fúnebre e indelicada. A quarta-feira sempre amanhece coberta de luz, tem gosto de laranja do céu depois de Junho, um gosto doce, sentimental e quase leve.

A quinta-feira, vem com todos os múrmurios deixados pelos outros dias, a quinta-feira quase sempre grita muito. Acaba-se acordando cedo pois na maioria das quintas-feiras, extremesse-se uma garoa fina.

A quinta-feira tem sabor de doce de morango. Desrespeitosa, a quinta-feira geralmente nos ilude, e no fim nos faz tão calmos. Seu final sempre amanhece em um novo dia.

A sexta-feira tem o ar atrevido, um gosto de suco de manga com abacaxi, um gosto tênue e gostoso. Na sexta-feira, acontece algo diferente. Sexta-feira tem um ritmo potente que desgasta qualquer pausa.

O sábado nos completa. Já que o sábado nos causa furor. Quase sempre no sábado pela manhã, antes ou depois do almoço, antes ou depois da gostosa séstia, temos motivo para voar fora de casa. Voos alegres, com destino incerto. Quase sempre é no sábado que recebemos convites para comer pedacinhos de céu. O céu tem um gosto bom! Um gosto adocicado. E nessas viagens clandestinas, muitas vezes já podemos sentir um gosto de mel e um cheiro tão gostoso de laranjeira, de laranjeira em dia que a terra fica toda molhada. O sábado é capaz de permanecer em nós por vários dias! Se fosse falar de calendário, poder-se-ia dizer até que o sábado, às vezes, permanece em nós por vários meses. Nós realmente gostamos dessa coisa que o sábado tem. Coisa tão saborosa que se multiplica em tempo.

Sempre que o domingo chega, ele vem diferente. O domingo nos desgasta tanto! Há muitos anos. Não se sabe o que esperar do domingo, além de se sentir seu gosto. O domingo tem gosto de maçã verde! Estranho com seu cheiro de café passado. Cheiro que se sente nas esquinas das casas no horário do café da manhã. O Domingo possui um ritmo frenético. Qualquer um de vocês poderá observar isso olhando pela janela às 20h de um domingo qualquer.

Esta estória meio estranha de estabelecer um tempo, tem algo que as vezes nos dá medo e nos despedaça. Parece cortar em partes o que poderia estar incontido.

O impossível nas suas mais variáveis formas não particiona. Sua fluidez tem capacidade de comportar intervalos e desenlaces fortuitos. Não cortes ou secções. Por agora se pode agradecer esta rotina desparticionada. Por se estar junto e apreciar a liberdade das coisas. Ouve-se seus sussurros mencionando rouca e suavemente a necessidade de fazer osmose com o impossível de carregar, com o que se vê através do espelho⁵.

AO REINÍCIO DO FIM SUBJETIVO

*“A escrita esposa uma máquina de guerra e linhas de fuga, abandona os estratos, as seguimentaridades, a sedentaridade, o aparelho de estado.”
(Deleuze; Guatarri, 1980, p. 35).*

Depois de todo o cansaço e de todo o percurso foi possível voltar a andar. As andanças seguiram sendo caminhos.

Nós todas, saímos do nosso conforto, do nosso campo de experimento, pudemos andar por aí, entre vários redescobrimos muitos, experienciamos filosofia, poesia, música, arte e durante esse tempo nossos pés deixaram de estar presos.

Assumimos o risco de desenvolver nossos pensamentos através das linhas de fuga que acompanharam nossos medos. Não posso dizer se depois daqui vamos para algum lugar, o encanto permanece aí, nessa maneira colorida de poder estar sendo.

Percebemos em cada acontecimento os modos de realidade produzidos pelas outras, as possíveis, e dessa forma nos multiplicamos dentro de nós, dejadjetivamos a multiplicidade conceitual dos nossos momentos.

⁵ O espelho é o espelho de Alice através do Espelho, obra de Lewis Carrol, que é analisada por Deleuze em seu livro “A lógica do sentido”.

Percebemos mesmo que por insights o que elas não perceberam nunca, nunca que as verdades, são tantas quanto nós, elas existem e se manifestam em todas as cabeças, em todas as músicas, em todos os suspiros, em todos os poemas preenchidos de vida.

De tudo o que sentimos a desamargura mais forte se estabeleceu quando percebemos que nossa escrita não se obriga a significar, nossa escrita não necessita estar na ordem dos significados. Fomos tocados delicadamente pela deliciosa crueldade⁶ do caos, e nossas terças-feiras voltaram a ter cheiro e gosto de especialidade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Arnaldo. Disponível em: <<http://www.arnaldoantunes.com.br/new/>>. Acesso em: 05/06/12.
- BARROS, Manoel. Disponível em: <http://www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp>. Acesso em: 12/11/12.
- CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 2009
- CARVALHO, J. D. Os mundos impossíveis em Cidade dos Sonhos de David Lynch. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.8, p. 60-72, abr.2010, v. 8, p. 60-74, 2010.
- DE ARAÚJO, R. *½ dia ½ noite*. TESE (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, vol 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- _____; _____. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, vol 5. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- _____; _____. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FARINA, Cynthia; RODRIGUES, Carla. (org.) *Cartografias do sensível*. Estética e subjetivação na contemporaneidade. Porto Alegre: Editora Evangraf Ltda, 2009.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES Danilo *1934-Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LEMINSKI, Paulo. Disponível em: <<http://pauloleminskipoemas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18/12/12.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2009.
- WILLER, Cláudio. (org) *Seleção e notas de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

⁶ Refiro-me ao sentido de crueldade desenvolvido por Antonin Artaud,. Sobre o teatro da crueldade: O teatro e seu duplo e o teatro de Serafim.

RESUMO

Pensar a educação de uma forma diferente, pensar na educação como forma de autoformação, autoaprendizado, autotransporte para outros pontos. Junto há muitos; uma escrita urgente e direcionada para outros começos, outras imagens, outras significações. Com Gilles Deleuze, Félix Guattari, Manoel de Barros, Arnaldo Antunes, Clarisse Lispector, Paulo Leminski, e Leibniz, os quais, juntos ajudam na composição das linhas de um percurso inquietante e devastador. Desde agora, ritmo frenético, diverso inabitado, luzes, sonoridade, tempo desconexo. Isto faz-se em educação? Isto acontece interdisciplinarmente? Talvez! Mundo impossível⁷ gestado por (re) encontros. O que acontece, acontece na relação que as palavras propõem. Acontece no/pelo convite das palavras que envolvem um instante.

Palavras-chave: Poesia. Impossibilidade. Educação.

ABSTRACT

Think about education differently, think of education as a means of self, self-learning, Autotransportations to other points. Along many; writing and directed to other urgent beginnings, other images, other meanings. With Gilles Deleuze, Félix Guattari, Manoel de Barros, Arnaldo Antunes, Clarisse Lispector, Paul Leminski, and Leibniz, which together help in the composition of the lines of a route disturbing and devastating. Henceforth, frenetic pace, diverse uninhabited, lights, sound, time rambling. This is done in education? This happens interdisciplinarily? Maybe! World impossible gestated by (re) meetings. What happens, happens in the relationship that the words suggest. Turns on / by invitation of words involving an instant

Keywords: Poetry. Impossibility. Education.

Submetido em: julho de 2013
Aprovado em: dezembro de 2014

⁷ Impossibilidade: “a narrativa simulada mistura e embaralha as versões possíveis de tal maneira que as sequências e continuidades de cada versão, que se excluem e são incompatíveis, ou ditas impossíveis, são postas em contato e inter-relação” Este torna-se um dos componentes do trabalho de pesquisa de Jairo Dias Carvalho que estuda o uso estético do conceito de mundos possíveis de Leibniz ao analisar o filme Cidade dos Sonhos de David Lynch.